

Rodrigo Peixoto Barbara<sup>i</sup>

*O* desejo cruel na performance do corpo sem órgãos

*The* cruel desire in the performance of the body without organs

## RESUMO

Objetiva-se com essa escritura dispor um estudo deleuze-guattariano e artaudiano dividido em três momentos. No primeiro deles far-se-á a apresentação dos conceitos: 'Desejo', de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e 'Crueldade', de Antonin Artaud e o agenciamento entre ambos na criação de outro conceito: o de 'Desejo Cruel'. Em seguida, no segundo momento, se investigará como que esse desejo, cumulado de crueldade, se faz presente na performance do Corpo sem Órgãos. Por último, será realizada a exposição de alguns fluxos desse corpo que, destituído de órgãos e abastecido pelo Desejo Cruel, cria sua própria corpografia, se materializa na sociedade e se qualifica como uma potência criativa infame/subversiva da e na vida. Contudo, esse estudo vem para torcer/distorcer os conceitos aqui propostos e estabelecer conexões/rizomas dentro de um contexto filosófico/artístico da Diferença.

**Palavras-chave:** Desejo; Crueldade; Desejo Cruel; Corpo sem Órgãos; Diferença.

## ABSTRACT

The aim of this academic writing is to present a study on Deleuze-Guattary and Antonin Artaud, divided into three moments: Firstly, there will be a presentation of Deleuze and Guattari's 'Desire' concept and by Antonin Artaud's 'Cruelty', with their assemblage in the creation of another concept: 'The Cruel Desire'. Secondly, there will be an investigation of how this desire, joined by cruelty, makes itself present in the performance of the 'Body without organs'. Lastly, there will be an exposition of some flows of these body, which is devoided of organs and provided with Cruel Desire, creates its own corpography, materializes itself in society and classifies itself as a wicked/subversive and creative potency from life and in it. However, this study comes to twist/turn the concepts proposed in this academic work and to stablish connections/rhizome within a philosophical/artistic context of Difference.

**Keywords:** Desire; Cruelty; Cruel Desire; Body without organs; Difference.

## I – AGENCIAMENTO: DESEJO – CRUELDADE – CORPO SEM ÓRGÃOS

“Onde passa meu desejo entre os mil crânios, os mil ossos? Onde passa meu desejo na matilha? Qual é minha posição na matilha? Sou exterior à matilha? Estou ao lado, dentro, no centro dela? Tudo isso são fenômenos de desejo. É isso o desejo”. (DELEUZE, 2016)

“O CsO é desejo, é ele e por ele que se deseja” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 28)

O movimento investigativo desse texto pauta-se na discussão do ‘Desejo’ pelo viés filosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari e pelo pensamento acerca da ‘Crueldade’, do ator e dramaturgo francês, Antonin Artaud. Portanto, não entraremos, aqui, na vertente psicanalítica/freudiana do desejo, mas sim, em um vertente da Diferença em que este termo adquire outra perspectiva, sai dos sulcos costumeiros e se desterritorializa. Nessa perspectiva, abordaremos, também, o desejo que, em sua condição cruel, se entrelaça com o Corpo sem Órgãos (CsO)<sup>ii</sup> artaudiano. Para início de conversa, lembramos que, como nos adverte Deleuze (2016), é para a psicanálise que há sempre desejo demais, mas, para nós, nunca há desejos o bastante. Sendo assim, o desejo não se torna bastante nunca. Não se torna porque não se esgota. Temos sempre a impressão de que o desejo que existe em nós ele nos renova porque ele próprio é uma renovação constante.

O desejo em Deleuze e Guattari é, antes de tudo, FLUXO. Os filósofos franceses, ao falarem de fluxo, falaram também de CORTE, porém, não há distinção entre fluxo e corte, pois como eles (Deleuze e Guattari (2011a)) nos elucidam, o corte corta, abrindo outros fluxos. Sendo assim, o CORTE deleuze-guattariano é o próprio fluxo. O corte não é pausa no fluxo, mas é o charme da Diferença do fluxo, “é o regime de escoamento

de um fluxo, sua vazão, contínua ou segmentária, mais ou menos livre ou estrangulada” (ZOURABICHVILI, 2009, p. 35). O corte é as múltiplas entradas e saídas de um fluxo/rizoma. Esquinas, dobras, encruzilhadas, becos, bifurcações são palavras que substituem sem prejuízo de entendimento o termo CORTE. É nessa via de pensamento que podemos considerar deleuze-guattariano o desejo como fluxo, como a energia que não se esgota nunca, que nunca se basta, aquele que lubrifica as máquinas desejantes<sup>iii</sup>, aquele que qualifica como sem órgãos, o corpo<sup>iv</sup>. O desejo é aquele que nos expõe em totalidade, nos faz passar de experimentos a corpos com e em experiência, que vive, que dança e que participa do mundo real e não do mundo fantasmagórico (ou seja, aquele além da própria vida que aqui nos compete e nos desafia). E é nesse intuito que podemos pensar o desejo como uma potência cruel.

Antes de prosseguirmos podemos levantar algumas questões acerca desse desejo que é cumulado de crueldade. O primeiro questionamento seria: Desejo cruel? E logo após: Como se deu esse agenciamento? Funciona? O que move essa maquinaria desejante? O que essa maquinaria desejante move? A tentativa aqui, agora, não é responder esse questionário, mas usá-lo como fluxo investigativo acerca do que aqui estamos propondo a respeito do Desejo Cruel e da performance<sup>v</sup> do CsO. As teorias que estão nos subsidiando nesse texto (Deleuze, Guattari, Artaud e outros pensadores da Diferença) estão todas imbricadas, de formas variadas, em um pensamento transgressor. Tais pensamentos nos colocam, também, nesse emaranhado. E, tal fato, nos permite pensar por intermédio de agenciamentos, pois lidamos com teorias rizomáticas. Sendo assim, quando somos incitados pelo CsO, uma das crueldades de Artaud, adotado por Deleuze e Guattari em outra potência do pensamento, logo nos vemos

participantes da discussão sobre o desejo, pois tanto esse próprio corpo artaudiano quanto o desejo deleuze-guattariano são fluxos, transeuntes, desterritorializantes e forças de criação. E seguindo o fluxo nesse rizoma, pensar no desejo em Deleuze e Guattari pode nos levar a pensar na Crueldade de Artaud. Para Deleuze, “desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto, conjunto de uma saia, de um raio de sol...” e ainda: “cada um de nós passa seu tempo construindo, cada vez que alguém diz: desejo isso, quer dizer que ele está construindo um agenciamento, nada mais, o desejo não é nada mais” (DELEUZE, abecedário). E é em uma vertente semelhante que Artaud (2006) pensa a crueldade, ou seja, a pensa como apetite de vida, de rigor cósmico, de turbilhão de vida que devora as trevas. Crueldade que aposta na vida como espaço de criação, de acontecimento, de devir, de desejo. No entanto, Desejo Cruel se dá no agenciamento dos termos: desejo (deleuze-guattariano) e Crueldade (artaudiana).

## II – DESEJO CRUEL X CSO: UMA PERFORMANCE

Como anteposto, é pelo agenciamento (desejo-crueldade) que criamos uma maquinaria performática para o CsO chamada Desejo Cruel. Só que ao mesmo tempo em que esse Desejo Cruel é uma maquinaria do CsO, já se torna o próprio CsO. Assim como não podemos dissociar o corte do fluxo, não podemos, aqui, dissociar o Desejo Cruel desse corpo. Ele é o devir Desejo Cruel acontecendo. Não sabemos quando um é o outro e vice-versa. É como se o corpo aqui apresentado fosse o Desejo Cruel e este, por sua vez, o próprio CsO, ou melhor, é como se o corpo, em sua constituição sem órgãos, fosse a materialização do Desejo Cruel e, tal desejo, fosse a imaterialidade vital desse corpo. Aqui temos e fazemos um diálogo entre



materialidade e imaterialidade que é muito pertinente aos dois termos aqui proposto, pois tanto o Desejo Cruel como o CsO passam pelos devires materialidade/imaterialidade. O Desejo Cruel na sua condição imaterial e o CsO na sua potência material. Se para Deleuze e Guattari o desejo é fluxo, aquele que promove os agenciamentos, o Desejo Cruel é, aqui, pelo seu fluxo e caráter agenciador, aquele que turbilhona, que agride, que afeta, que incomoda, que subverte a ordem, que ultrapassa as barreiras do binarismo, satura o tripé da psicanálise freudiana (Pai-Mãe-filho), agride prontamente o complexo de Édipo. Pelo Desejo Cruel podemos falar agora não mais em um complexo de Édipo, mas sim em um complexo de Anti-Édipo, ou seja, um complexo não de complexado, mas de rede, de conexões, de agenciamentos maquínicos que põe o corpo para falar. Que é 'anti' a tudo que limita o desejo, que limita o corpo a desejar sem barreiras e punições. Tanto o CsO quanto o Desejo Cruel participam da complexidade Anti-Édipiana. O CsO e o Desejo Cruel impedem que as pessoas virem trapos, pois é essa a lição do Anti-Édipo para Deleuze<sup>vi</sup>.

Tanto Deleuze e Guattari quanto Artaud pensaram na vida como uma porta sempre aberta para o novo, para as novas possibilidades. O corpo para tais pensadores é vivo, autêntico, flexivo, liberto, novo e é inadmissível que o corpo seja considerado trapo. Ele é sempre uma potência viva de criação, de novas descobertas e é por isso que o desejo a ele inerente não pode ser o desejo reprimido da psicanálise. Para Deleuze e Guattari (2011a) o desejo nunca foi e nunca será falta, mas sim produção, acoplamento, descobertas, mergulho ininterrupto no 'des'conhecido, agenciando e abrindo portas para que a produção de outros e tantos desejos na vida aconteça: "o desejo abraça a vida com uma potência produtora" (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 44). Motivado por esse pensamento acerca do desejo

de Deleuze e Guattari, José Gil (2001) vem salientar que “desejar é agenciar para fluir, agenciar para que a potência de desejo próprio aumente”. Sendo assim “o desejo reconduz a si próprio, transforma, metaboliza todos os elementos que toca, atravessa ou devora. Para o desejo tudo deve devir desejo” (p. 71).

No caso aqui apresentado, o desejo em seu devir desejo, torna-se um desejo potencialmente cruel e não podemos o desvincular do corpo que o acolhe. É também no CsO que o desejo passa pelos seus diversos devires. Esse corpo é um espaço aberto, conectável, onde se transitam todas as interferências coextensivas internas-externas. O Desejo Cruel se devém e modifica o CsO e este, como já apontado, é o próprio devir do Desejo Cruel acontecendo. Sabemos que não é fácil compreender toda essa esquizo-estrutura proposta por Deleuze, Guattari, Artaud e pelos demais outros pensadores subversivos, pois estamos lidando com um fluxo totalmente desconcertante. É uma máquina dentro de outra máquina, que suscita outra máquina e assim sucessivamente. É impossível pensarmos uma coisa dissociada da outra. É por esse fato que os agenciamentos são possíveis. Podemos pensar o Desejo Cruel como uma maquinaria desejante? Sim! Podemos pensar o CsO como uma máquina do Desejo Cruel? Também! Conseguimos notar o ponto de mudança (conexão/desconexão) dentro dessa maquinaria? Nem sempre, pois lidamos com o imprevisível. O CsO do universo pode ser pensado como uma grande máquina desejante cruel onde milhares de outras máquinas estão acopladas, mas o caso de estarem acopladas não significa que estão presas, mas encaixadas e aptas a desencaixes/encaixes. Elas também podem ser pensadas como milhares

desses corpos destituídos de órgãos encaixados uns nos outros. Nesse caso, podemos pensá-los como máquinas desejanter e estas como CsO.

Deslocando o pensamento do universo para pensarmos o CsO no corpo humano, depararemos também com uma complexa rede de máquinas desejanter flexivelmente acopladas. Temos as máquinas do pensamento, da fala, dos movimentos, dos fluxos e secreções, do consciente e do inconsciente produtivo. São elas que dão conta do circuito e do curto-circuito humano. No entanto, precisamos perceber essas máquinas como agenciamentos do CsO, que se comunicam sem uma dinastia. Precisamos saber que o que move essa maquinaria é o desejo que aqui chamamos de cruel, ou seja, um desejo fora de um organismo que tenta responder, analisar e podar as suas ações<sup>vii</sup>. Precisamos nos permitir desejar, permitir que o nosso corpo deseje cruelmente a vida que nele pulsa deliberadamente. É pelo desejo cruel que libertaremos o CsO do nosso corpo cotidiano, do nosso corpo organismo e organizado. Precisamos dizer sim quando as regras dizem não ao desejo. Um corpo sem desejo é um corpo morto. Um corpo sem o seu Desejo Cruel, ardente, nunca será um CsO. Nunca será um corpo que dança livremente no intuito de descobrir sua potencialidade e possibilidades. Artaud (1995) nos aponta que “a anatomia onde estamos enfiados é uma anatomia criada por asnos com albarda, médicos e sábios” estes “que nunca conseguiram compreender um corpo simples e para viver tinham necessidade de se encontrar num corpo que lhes respondesse e que eles compreendessem” e assim, “apoderaram-se então do corpo humano e, de acordo com os princípios de uma lógica clara e



saudável, analítica à maneira deles, refizeram-no ponto por ponto, órgão por órgão” (p. 71).

Podemos pensar, a partir dessa colocação de Artaud, que o corpo vem sendo apartado de seu desejo há tempos. Um corpo domável, compreendido, é um corpo que apetece a ganancia desses ‘asnos’ e, pelo fato de não darem conta do Desejo Cruel que habita e abala esse corpo, é que eles preferem silenciá-lo. Artaud afronta esses tiranos, subverte a ordem e dignifica a maquinaria desejanste do CsO quando diz que “a pavorosa pululação dos nervos, o pavoroso fraccionamento da circulação sanguínea é que são a causa de todas as doenças. O sangue é um corpo eléctrico, não é um corpo aquoso”, ou seja, “não pode liquefazer-se uma energia vital” e continua: “não se corta em pedaços o coágulo de um suspiro, o transe eléctrico de um suspiro, não se reparte o orifício de um espasmo, não se divide um maxilar em pé de guerra” (ARTAUD, 1995, p. 72). Contudo, Artaud dimensiona a potência desse corpo inapreensível e mostra a face do desejo quando aponta o sangue como um corpo elétrico, o coágulo e o transe elétrico de um suspiro. É nisso que consiste o Desejo Cruel. É nisso que consiste o CsO: na mistura esquisita, aos olhos do conformismo, do CsO desejando a Crueldade, ou seja, desejando o rigor cósmico e o turbilhão de vida.

Desejar cruelmente a vida de um corpo é, sem dúvidas, desejar a desocupação imediata de seus hospedeiros, porque, segundo Gil (2001) “o corpo habitual, o corpo-organismo é formado de órgãos que impedem a livre circulação da energia. A energia é investida e fixada nos sistemas de órgãos do organismo” (p.73). E, com isso, o corpo fica impossibilitado e não se sente livre para criar. O corpo com hospedes/hospedeiros perde a privacidade, não entra em contato íntimo consigo mesmo, fica inibido e se

torna plena e completamente um estranho de seu próprio corpo, do seu próprio espaço de vida. E, contudo, possibilita uma inversão perigosa: os hospedeiros se tornam donos da casa e o dono da casa se torna uma visita. Sabemos que, tanto Artaud, quando Deleuze e Guattari e a interpretação de Gil, não suprimem os órgãos, mas sim e mais uma vez, a estrutura anatômica em que eles estão enfiados. O dramaturgo francês brinca com a ordem linear quando apresenta, como podemos observar no parágrafo anterior, o sangue não como um corpo aquoso, mas sim um corpo elétrico.

Artaud, em sua rebeldia transgressora, propôs uma 'anatomia' do corpo ao invés de uma anatomia. Na obra, Para acabar de vez com o juízo de Deus seguido de O teatro da Crueldade ele nos apresenta a fecalidade e a sua relação com o corpo, com os órgãos, não que ele tenha reduzido o corpo ao ânus, mas sim, o ser ao cocô. O ser reduzido ao cocô é aquele que preferiu morrer em vida, aquele que preferiu aceitar os dogmas, a matar em si o Desejo Cruel que impulsiona a vida. Porém, em uma interpretação particular, o ânus, a 'anatomia' foi muito importante para Artaud, pois é esse processo fecal que expulsa do corpo esse cocô que apodrece a criação, o cocô que impede a dança desenfreada do CsO<sup>viii</sup>. Deleuze e Guattari (2011a) em uma vertente desejante desse corpo, logo no início do Anti-Édipo, expõem: "Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode" (p.11). Esses filósofos franceses, assim como Artaud, subvertem a anatomia. Criam uma 'anatomia'. E é por essa 'anatomia' que o corpo é ressignificado e os órgãos deixam de ser uma individualidade e passam a ser uma multiplicidade: "um órgão pode estar associado a vários regimes, e até tomar para si o regime de um outro órgão" (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 57). Podemos com isso dizer que os órgãos do CsO (nessa anatomia) funcionam como máquinas desejantes operando fluxos e cortes-fluxos, e

não compõem um organismo, uma organização. Os órgãos do CsO não participam de uma anatomia, mas de um agenciamento nômade, desterritorializante e, portanto, esquizo-cruel-desejante. Já não se é mais coração, mas sim coração em seu devir rim; boca em seu devir ânus; pulmão em seu devir estômago e assim se prossegue o fluxo infinito do CsO.

No mais, para que esse fluxo infinito aconteça, precisamos primeiramente, como ressaltado no parágrafo anterior, renomear de máquinas produtoras de desejo, os órgãos. O termo "órgão", mesmo não sendo suprimido por Artaud, enfraquece a força que tem o CsO que, por sua vez, assim como podemos ver em sua nomenclatura, é desconstituído de órgãos e, portanto, a cunho desse estudo, é munido de máquinas desejantes. Sabemos que o CsO também precisa de água, nutrientes e cuidados, porém, todo o corpo é responsável por essas ações e elas só serão eficientes e completas quando o próprio corpo se sentir pleno em seu trabalho. O Desejo Cruel é aquele que atravessa o CsO em todos os seus estágios e influi na coextensão interno-externo. Esse corpo lida muito bem com o Desejo Cruel por ser ele mesmo o ápice desse desejo. Contudo, se é o desejo que nos move, nos vibra e nos lança na vida, por que é que nós o reprimimos? Temos medo de desejar e o primeiro e talvez o maior inimigo do desejo seja o pecado. O desejo é muito vinculado com o pecado pela sociedade tradicional cristã. Acredita-se que se deseja o suficiente enquanto que na verdade não se deseja nada.

Assim, sufoca-se o desejo no corpo. Sufoca-se o desejo nas ações. Sufoca-se o desejo nas relações e é por isso que o desejo vai adquirindo sua condição de falta. Tudo falta ao ser humano, mas essa falta não é o desejo, mas sim a ausência do desejo. A ausência do desejo que é o desejo constituído de falta do qual falam os psicanalistas. Somos levados a

acreditar que desejamos, mas o que temos são pequenas doses de satisfação. As pessoas são acostumadas a viver assim. Se estamos satisfeitos, está bom. Mas o CsO não se contenta com a satisfação, pois ela está ligada a saciedade. E ele, esse corpo, não se sacia nunca. Como disse Deleuze (2016) nunca se há desejos o bastante. Talvez seja isso que espanta tanto as pessoas. Temos medo da dimensão do desejo e onde ele pode nos levar. Somos seres tementes por isso não deixamos nunca nossa condição de 'ser'. O CsO abandona o ser, pois para ele só existem corpos desejantes. O Desejo, em sua condição cruel, vem sendo assolado pelo pecado, pelo medo, pelo erro, pelas regras, pelas tiranias, pelos dogmatismos, pelas normas, pelos binarismos, entre outros. O preocupante disso tudo é que em muitos casos somos coniventes com tal assolamento. Fomos educados a ter tudo na 'medida certa' e com isso fomos nos tornando tiranos de nós mesmos, do desejo e do nosso corpo. "Por que os homens suportam a exploração há séculos, a humilhação, a escravidão, chegando ao ponto de querer isso não só para os outros, mas para si próprios?" (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 47, grifo dos autores). Acrescentando essa questão proposta por Deleuze e Guattari, podemos trazer o pensamento de Foucault (2016) acerca do fascismo que está em todos nós, aquele que, nas palavras do filósofo francês nos faz amar o poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e nos explora.

Precisamos redobrar a atenção para que não sejamos esse fascista de nós mesmos e limitadores de nossos corpos e desejos. Devemos por um basta em toda forma de enclausuramento assim como fez Artaud. Ele disse: "Não, o corpo, é cada um de nós que o faz, senão ele não vale nada e não se aguenta e esse corpo provém do mérito e da qualidade, provém dos actos praticados" (ARTAUD, 1975, p. 133) e é nesse mesmo corpo criado por cada

um, que ele acrescenta: “apenas crio máquinas instantes de utilidade” (IBIDEM, 1975, p. 135). É por sermos nós os responsáveis por nosso corpo e por criar nele, máquinas instantes de utilidade, que não devemos nos reprimir em prol do pecado, do medo e do erro. Claro, é necessário um cuidado e uma atenção para que não se deteriore o corpo ou se acabe em um caminho sem volta. O CsO também é saúde e tem os seus limites, porém, esses limites são os limites do próprio corpo e não de outrem que quer, a qualquer preço, impor-lhe suas barreiras e dominações. No entanto, precisamos estar disposto a experimentar a potência do nosso CsO e não apenas vê-lo, pois o “corpo é mais vasto, mais extenso, com mais pregas e reviravoltas sobre si próprio do que o olhar imediato pode distinguir e conceber quando o vê” (ARTAUD, 1995, p. 78). A ação de experimentar para conhecer um pouco a dimensão do CsO é uma ação que demanda meios de mudar de vida, de criar novo estilo de atividades, porém, o que falta, assim como elucidou Guattari (1992), “é apenas o desejo e a vontade política de assumir tais transformações” (p. 174).

### III – ARREMATES: POSSIBILIDADES DE OUTROS FLUXOS

O CsO em sua potência desejante e cruel é um desafio e uma verdadeira tarefa de transformação. Implica, imediatamente, a experimentação e não a interpretação. Ele está para além dos fantasmas da representação. O CsO e o Desejo Cruel nunca seriam assuntos da filosofia de Platão e dos conhecimentos cristãos, pois eles não são doutrinas e nem cabem em doutrinas, por isso são abominantes e abomináveis. Para uma vertente conservadora do pensamento, o corpo, com seu Desejo Cruel, seria uma ação demoníaca. Carrega o demônio em seu cerne. Tudo aquilo que foge da apreensão e do bom senso, são, para tais seguimentos polidos,



uma aberração, um perigo, uma praga que precisa ser combatida. Mas é pelo Desejo Cruel que o CsO não se cala, que incomoda tanto essa geração puritana e tem força para continuar seu fluxo produtivo, de criação. É por não ter raiz e ser sempre nômade é que esse corpo tende a escapar das prisões que a ele foram imputadas. Artaud (1995) disse: "se não estou morto é porque a vida resiste" (p.73). E é nessa mesma perspectiva que podemos dizer que o CsO é uma vida que resiste e que vem resistindo há muito tempo. Podemos notar, cotidianamente, vários corpos subversivos resistindo às soberanias e às depreciações dos que ditam e impõem as regras: os homossexuais, os não binários, os transexuais, os pretos, os tatuados, as mulheres que disseram 'não' ao status 'do lar', entre tantos outros por aí.

O Desejo em sua vertente Cruel nutre a vida ante a morte e faz com que o CsO resista duramente. A escrita agressora de Deleuze e Guattari e o Teatro da Crueldade de Artaud resistem mesmo após suas mortes. E por que resistem? Porque são cumuladas de vidas a aplacar outras vidas. Pensamentos e escritas de pessoas cruéis desejanter são vidas que resistem mesmo após a morte. Tornam-se CsO e este não morre nunca. A melhor forma de se perpetuar é sendo, em nossa condição finita, criadores desse corpo, criando para si e para os outros, um CsO. O único que é perpétuo infinitamente é esse corpo destituído de sua organização e nele, o que perpetua, é o Desejo Cruel.

No entrecruzamento dos conceitos aqui proposto, o corpo vem respaldado por uma infâmia e ele próprio é um corpo infame. O quanto de corpos infames não está perdido por aí: os malditos que foram e ainda resistem pelo CsO (pensamentos e escrita) e os que resistem ainda em vida? Sem dúvidas que esse corpo, diante de tudo que apresentamos sobre ele, é

necessariamente infame. Paulo Petronílio (2015) se apropriando do pensamento de Foucault acerca do texto *A vida dos homens infames*, escreve sobre o corpo infame e, uma parcela dessa escritura nos ajuda a pensar, dentro desse contexto do CsO que deseja a vida em sua força criadora, a crueldade produtiva desse corpo:

O corpo infame não se classifica porque não se enquadra em nenhuma lei, em nenhum paradigma. Trata-se mais de um corpo louco, um corpo que não aspira ao centro. Um corpo marginal que visualiza uma terceira margem de si mesmo que ainda não foi pensada. Ele é feito de dobras, movimentos peristálticos, subjetivações, topografias e extratos. O corpo infame se revela enquanto potência do fora, pois nega a fixidez da representação, a retidão do pensamento e apela para uma certa plasticidade e para uma nova geografia. O corpo infame é um acontecimento na ordem do impessoal, do corpo sem órgãos, do fluxo e do devir. Ter um corpo é estar fora dos cânones, pois o corpo existe no e pelo fora. O corpo acontece por que ele é a um só tempo, uma polifonia, uma ópera bufa, é dança. Um corpo infame é devasso, pois não é, nunca foi e nunca será. O corpo infame é um evento semiótico e complexo que dá o que pensar. O corpo alcança a gênese do ato de pensar no pensamento. Corpo não se separa do pensamento. Cada corpo dramatiza e espetaculariza uma multiplicidade de signos. O corpo do infame é nômade e desterritorializado. É corpo múltiplo é sem entrada e sem saída. É um corpo informe e em devir. O corpo é inscrito em uma discursividade formando um quiasma, um entrelaçamento com o mundo. O mundo é um conjunto de sintomas recebidos pelo corpo e cada corpo é a representação de um mundo que se desdobra em uma multiplicidade de mundos. O corpo é o espaço em que se dramatiza uma ethos e uma visão de mundo. O corpo é adornado, enfeitado, pintado e celebrado por que quer ser visto e desejado. O corpo é uma máquina desejanse (PETRONÍLIO, 2015, p. 6, grifo do autor).

A presente citação dialoga com tudo o que viemos pensando até aqui. O CsO é sem dúvidas um corpo infame. Existe desejo nesse corpo desacreditado, desprezível. Deleuze, Guattari e Artaud foram e são corpos cruéis/infames<sup>ix</sup>. Só se é possível falar de corpos infames sendo infames, senão, estaremos produzindo um discurso dissociado da experiência. Todos

que falam de corpo infame são vistos com maus olhos pela moralidade. Mas é nesse corpo que o Desejo Cruel faz morada, um corpo que, como relatou Petronílio (2015, p. 6) “se revela enquanto potência do fora, pois nega a fixidez da representação, a retidão do pensamento e apela para uma certa plasticidade e para uma nova geografia”. A geografia do CsO provido do Desejo Cruel se desterritorializa para uma espécie de ‘Corpografia’, ou seja, os traços, os movimentos, as encruzilhadas, o fluxo, o rizoma mapeado pelo próprio corpo. Sem esquecer-se do desejo, o CsO faz sua ‘Corpografia desejante’ e essa se torna, então, o rizoma desse corpo transgressor. Não há sequências e passos. A corpografia, aqui, se difere da coreografia porque os movimentos são fluxos muitas vezes imperceptíveis, invisíveis. Ela é o desenho devir-dançarino fluído e desconexo. É um agenciamento das máquinas desejantes que dança para encaixar e se desencaixa dançando na corpografia do e pelo CsO. Essa corpografia permite que o corpo, assim como pontuou Petronílio, seja “devasso, pois não é, nunca foi e nunca será” ou, “um corpo marginal que visualiza uma terceira margem de si mesmo que ainda não foi pensada”, ou, para além dessa condição, um corpo-acontecimento: “o corpo-acontecimento é o corpo em movimento, em devir”. “Agora, é no corpo que algo acontece: ele é fonte de movimento”. Isso por que o corpo é feito no, para e pelo movimento. O corpo acontece no movimento” (PETRONÍLIO, 2015, p. 7, grifo do autor).

A corpografia é a dinâmica do acontecimento no CsO. É o desenho do devir, a inter-relação coextensiva interna-externa do corpo. É mutável, sem ponto de partida e muito menos com ponto de chegada. A corpografia é regida pelo Desejo Cruel e o CsO corpografa em incitações desejantes. O Desejo Cruel corpografa o corpo e este é materialidade ou imaterialidade do presente Desejo corpografado. A corpografia é o rizoma do corpo: com

seus fluxos e com as suas múltiplas entradas e saídas, espaço em que CsO dança as possibilidades e abre-se em possibilidades. Ele é uma abertura ao novo, ao acontecimento, aos devires e é nele que se inscreve as corpografias de um Desejo Cruel. O corpo destituído de seus órgãos é uma escritura feita pelo movimento: é fluxo, é pensamento, é ideia, mas nunca ideologia. Criar para si um corpo desejante e cruel é aceitar a condição de desprendimento, de nomadismo, de estrangeiro. Tanto a vida como a arte nos mostra a inconstância das coisas e das pessoas. Nunca temos certeza de nada e, mesmo assim, nos agarramos nela. Temos medo do novo, pois ele nos tira do conforto e não há nada mais tedioso do que sair do conforto. Mas também não há nada mais estagnante. O conforto é o verdadeiro ponto de fuga do CsO que anseia por se movimentar, por viver.

Contudo, desejar cruelmente ter um CsO é desejar rigorosamente e impreterivelmente a vida. É ter apetite pela vida, sede pela produção e vontade para criar. E, tudo isso torna-se uma performance cruel-desejante do corpo. Desejo esse, como dito, muitas vezes sufocado. Vivemos a vida em parcelas, produzimos bem pouco e criamos quase nada e é por essa condição submissa que esse corpo em potencial se distancia de nós, quando nos aderimos a um corpo organismo, organizado e não ao CsO, este que, por sua vez, é aberto aos agenciamentos, aquele que permite se conectar e possibilita conexões. Tal corpo benquisto, bem-visto e bendito por uma filosofia e por uma arte que creditam forças em uma performance

subversiva do pensamento. E esse pensamento é desejo cruel e CsO, consequentemente, é vida!

## REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **História Viva de Artaud-Momo**. Trad.: Carlos Valente. Lisboa: Hiena Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **Para acabar de vez com o juízo de Deus seguido de O teatro da Crueldade**. Trad.: Luiza Neto Jorge e Manuel João Gomes. Lisboa: & etc, 1975.

\_\_\_\_\_. **O teatro e seu duplo**. Trad.: Teixeira Coelho. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DAWSEY, John C. **Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas**. Campos – Revista de Antropologia local. Paraná, Universidade Federal do Paraná, V. 7, Nº. 2, p. 17 – 25, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Cinco proposições sobre a psicanálise**. Disponível em: <http://bibliotecanomade.blogspot.com.br/p/arquivos-em-pdf.html>. Acesso em: 19 mai. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Trad.: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.



\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1.** 2ª ed. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **Anti-Édipo: introdução à vida não-fascista.** Disponível em: <[http://www.portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/vidanao\\_fascista.pdf](http://www.portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/vidanao_fascista.pdf)>. Acesso em: 19 mai. 2016.

GIL, José. **Movimento Total – O corpo e a Dança.** Trad.: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

PANNEK, Wolfgang. **Esquizopresença – contextualização filosófica de um novo conceito nas artes performáticas.** In: Revista Arte da Cena, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 33-48, abr./set. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/29006>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PETRONÍLIO, Paulo. **Performances de um corpo infame: dança e Cultura.** Disponível em: <[artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/657](http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/657)>. Acesso em: 25 jan. 2015.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. Ator-bailarino licenciado em Artes Cênicas pela UFG. No campo cênico, experiência e desenvolve estudos com ênfase no triálogo: interpretação, dança (expressão corporal/Somato-psicopedagogia) e educação. Investiga as áreas filosóficas e literárias da Diferença sendo pesquisador das poesias transgressoras de

---

Manoel de Barros e dos pensamentos subversivos de Friedrich Nietzsche, Antonin Artaud, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Compõe o grupo de contação e contação de histórias: "Encanteria de Teatro". E-mail para contato: [teatrodrigo.arte@gmail.com](mailto:teatrodrigo.arte@gmail.com)

<sup>ii</sup> A partir de agora, no decorrer do texto, optaremos pela utilização da sigla CsO (abreviação do Corpo sem Órgãos por Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs* Vol. 1).

<sup>iii</sup> Em, **cinco proposições sobre a psicanálise**, Deleuze faz uma ressalva de que é urgente não mais utilizar termos como esquizo-análise e máquinas desejanter, pois entende que tais termos, caso não sejam empregados para deslocar o pensamento, de nada servem, é um perigo, é horrível. Precisa ser substituído. Os conceitos supracitados são, também, polêmicos e, devido ao sucesso, foram adotados aleatórios, sem um pensamento ativo sobre seu funcionamento. No entanto, contrariando Deleuze, continuaremos a abordar máquinas desejanter, porém, na tentativa de criar espaços de investigação no assunto que aqui propomos.

<sup>iv</sup> O Termo/conceito 'Corpo sem Órgãos' foi pensado primeiramente por Antonin Artaud no intuito de refletir sobre as possibilidades de libertação do nosso corpo anatômico, dos seus automatismos. Libertar o corpo de tudo aquilo que o aprisiona e o impede de criar sua dança, sua autonomia. Em uma reflexão particular, podemos dizer que somente seria capaz de atuar no Teatro da Crueldade, de Artaud, o ator que possuísse, plena e conscientemente um CsO. Em um outro movimento, Deleuze e Guattari se apropriam do Termo/conceito do CsO artaudiano para pensar, de forma mais abrangente, a trama sociocultural em que estamos, todos nós, inseridos. O Corpo pode ser pensado como o mundo e os órgãos como os organismos que regulamentam tudo e todos. Pensar, resumidamente, em um CsO na filosofia de Deleuze e Guattari, é pensar em meios de sair dos paradigmas que enquadram o pensamento, as pessoas e a vida.

<sup>v</sup> O termo performance aqui discutido, contendo o teor que demanda essa proposta, se respalda no que elucida Dawsey (2006): "Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, "completar" ou "realizar inteiramente" – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência. Porém, o que se entende por completar? Essencial à performance – e, aqui, também recorremos a Turner – é a sua abertura. Ou, em outros termos, o seu não-acabamento essencial. Daí, a sua atenção aos ruídos" (p. 22, grifos do autor).

<sup>vi</sup> Para Deleuze, "é verdade que o papel das pessoas, nesse momento, é de tentar salvar os garotos, o quanto se pode. E salvá-los não significa fazer com que sigam o caminho certo, mas impedi-los de virar trapo. É só o que quero" [...] "A lição era: não se tornem trapos" (DELEUZE, abecedário).

<sup>vii</sup> Pannek (2014) nos diz que "a natureza revolucionária do desejo implica a constituição de um corpo sem órgãos – ou corpo sem imagem – que resiste, graças a seu campo de imanência intensivo, a qualquer segmentação, interpretação e dominação por parte de organizações de poder" (pp. 38, 39, grifo do autor).

<sup>viii</sup> Cabe ressaltar também que, Artaud, por outro lado, confere às fezes também um *status* elevado e essa é uma grande subversão sua. As fezes também são símbolos do reprimido, subversão da norma e, por isso, são também símbolos da Crueldade, símbolos do CsO.

<sup>ix</sup> E por serem corpos cruéis/infames é que foram também “uma dinastia ao nos inspirar modos de vida e nos arrastar para fora dos sulcos costumeiros da própria vida. A determinação absoluta e irreversível, dentro de um pensamento rigoroso que repousa a crueldade. Não se trata de uma liberdade imaginativa do pensamento, mas de um rigor cósmico, no forte apetite pela vida. Esse apetite pela vida é o *leitmotiv* da crueldade. Essa vida que inspira modos de viver, modos de pensar, que acopla pensamento e vida. A crueldade é uma dança entre pensamento e vida, pois essa ativa o pensamento e esse, por sua vez, afirma a vida. A crueldade é o movimento da vida” (PETRONÍLIO, 2015, p. 2, grifo do autor).

Submissão: 18/11/2019

Aceite: 30/06/2020